



CARTA DOS POVOS INDÍGENAS DO
I ENCONTRO INDÍGENA DE RESTAURAÇÃO ECOLÓGICA-EIRE
À V CONFERÊNCIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE RESTAURAÇÃO
ECOLÓGICA

*Chamado para restaurar ecossistemas e cabeças
com sabedoria ancestral indígena*

O processo de colonização neste lugar, que hoje se chama Brasil, já dura mais de 520 anos e ainda possui investidas sistemáticas de extermínio a nós, Povos Indígenas, evidenciadas pelos projetos de leis que tramitam nas instâncias de decisão do Estado Brasileiro. A mesma situação colonizatória se repete em outros espaços em que a pauta dos Povos Indígenas é tratada na forma de temas transversais, pois, na tentativa de diálogo, a sociedade e cabeças não indígenas têm dificuldade em compreender a complexidade dos nossos saberes, e com isso nos consideram incapazes de oferecer respostas efetivas às crises sociais, culturais e ambientais em curso na humanidade.

As terras indígenas correspondem a 14% do território brasileiro. Do total de áreas degradadas no país, aproximadamente 1% se encontra em terras indígenas. Os territórios indígenas são grandes responsáveis pela conservação. Somos os guardiões da biodiversidade. Portanto, defender e proteger as terras indígenas deve ser premissa da restauração ecológica. Demarcação e restauração andam juntas.

Os Povos Indígenas possuem técnicas milenares sobre manejo e cuidado com a terra. Para nós, a natureza não é vista apenas como componentes biológicos; a natureza é parte de nós, ela se faz presente em nossas vidas em todos os contextos e permeia vários mundos, pois a reconhecemos como fornecedora de alimento para nosso corpo físico e espiritual. Durante séculos, a ciência e o pensamento dos não indígenas teimaram em fazer essa cisão. E qual foi o resultado disso? Destruição, veneno, degradação do corpo-natureza e das mentes. E morte, muita morte.

Hoje necessitamos também do conhecimento externo para auxiliar nos processos de restauração. Sempre fizemos o uso sustentável de nossos territórios; portanto, restaurar nunca foi preciso. Mesmo conscientes de que não somos responsáveis pelo problema, queremos ajudar a resolvê-lo. Para os povos indígenas, degradação não significa apenas deterioração dos meios biofísicos. Alcança corpo, mente e espírito. Esse vínculo é inseparável. Tudo que ameaça o sagrado nos degrada. Quando a degradação afeta povos indígenas, vocês podem pelo menos imaginar o sofrimento que isso traz a nós?

No limite, percebemos que são os humanos mesmos que estão degradados. A restauração é uma oportunidade não apenas para curar as feridas abertas nas paisagens, mas também de curar as pessoas. E a maior doença se chama ganância e individualismo.

Os nossos pais carregam ciência das nossas matas. O que vocês chamam, por exemplo, de beneficiamento de sementes, nossos anciões carregam uma ciência ancestral. Mas nossa ciência não é uma ciência fria, desencantada. E temos o direito de transmiti-la para os filhos dos nossos filhos. Nós carregamos com nossos ancestrais nossos próprios modos de cuidar. O que vocês dividem em várias etapas e estágios e em várias técnicas, de forma compartimentada pela ciência de vocês, nós integramos no que chamamos de “cuidar”. Pode parecer uma palavra simplória, mas não se enganem, porque nesta pequena palavra existe um mundaréu de conhecimentos que a natureza nos ensinou, além de um infinito de uma espiral de cosmologias que não cabem aqui em palavras. Cosmologia não é superstição, mas o ingrediente para curarmos essa perda de conexão.

Queremos ter participação efetiva na cadeia da restauração. Ou melhor, “cadeia” não. Essa palavra, “cadeia”, dá a ideia de aprisionamento. Preferimos chamar de “ninhos da restauração”, porque os ninhos são berços que preparam e sustentam os ciclos para o viver e a liberdade dos passarinhos. Mas para ter passarinhos, precisamos fazer voltar as matas. Afinal, restaurar é “refaunar”. E trazer reequilíbrio ecológico.

O que reivindicamos é que não sejamos excluídos da restauração. Fazemos restauração nos nossos territórios e fora deles, mas não somos muito valorizados e não temos muito acesso ao que vocês chamam de “cadeias da restauração”. Sequer estamos incluídos no Planaveg, por exemplo. NÃO HÁ RESTAURAÇÃO POSSÍVEL SEM OS POVOS INDÍGENAS. Precisamos estar nos espaços de discussão e também nos espaços de deliberação.

Reivindicamos também estar incluídos nas fontes de financiamento para a restauração. E não queremos ser tratados apenas como voluntários, para a execução de projetos. Queremos participar de todo o processo de forma efetiva: desde a própria concepção, reflexão e planejamento. Não somos apenas executores. Também não queremos que projetos de restauração já cheguem prontos para apenas executarmos. Merecemos ser remunerados de forma justa para fazer restauração.

Para nós, povos indígenas, a restauração não se limita apenas à dimensão ecológica; uma importante dimensão, mas não a única. Tem a ver também com produção de alimentos, artesanatos e qualidade do solo, por exemplo. Para nós, a restauração não é uma ciência meramente matemática, é uma ciência viva, que integra corpo-natureza, mente e espírito. Quando estamos numa paisagem, precisamos pedir licença, e pisar leve, devagar, com respeito. É preciso reencantar a ciência. Ciência da restauração só faz sentido para nós se trouxer cura. É ciência de encantamento e reencantamento.

Agradecemos à SOBRE por acolher o I Encontro Indígena de Restauração Ecológica, ajudando a gestar uma Rede Indígena de Restauração Ecológica (RIRE).

Quem escreve essa carta são representantes de quarenta e um povos indígenas vindos de todas as regiões do país e nós, povos indígenas dos Biomas brasileiros, queremos andar de mãos dadas com a Sociedade Brasileira de Restauração Ecológica, e juntos ajudar a curar nosso planeta.

1. Promover trocas entre indígenas para trabalhar com restauração ecológica.
2. Que o Poder Público, Financiadores e Organizações da sociedade civil lancem chamadas sobre restauração ecológica específicas e adaptadas para as associações indígenas que trabalham na temática.
3. Que os órgãos competentes criem políticas públicas para a restauração ambiental nos territórios indígenas.
4. Que os povos indígenas sejam incluídos nos “ninhos da restauração”, nos espaços de discussão sobre restauração e também nos espaços de deliberação.
5. Que os povos indígenas não sejam tratados como meros executores ou meros voluntários da restauração, mas que seja oportunizado que os indígenas atuem como protagonistas desde o início.
6. Que a SOBRE possa contar com maior protagonismo indígena, inclusive na sua estrutura e nas plenárias principais de suas Conferências.
7. Que as redes biomáticas e as universidades procurem os povos indígenas, para diálogo e articulação e quiçá parcerias.

Juazeiro-BA, 11 de julho de 2024